



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Decisões de juros no Brasil e nos EUA concentram as atenções da semana

O destaque da semana é a reunião (dias 19 e 20) do Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom), que, sem muita surpresa, deve fazer novo corte de 0,50 pp da taxa Selic, para 10,75% aa. A decisão já foi sinalizada pelo próprio Colegiado em seus últimos documentos, antevendo, inclusive, o mesmo ajuste na reunião de maio (dias 7 e 8). O principal ponto a ser observado na decisão é o provável ajuste que deve ocorrer no texto do comunicado, no qual deve ser retirado o plural ao se referir sobre a manutenção do ritmo de corte nas próximas reuniões. Adicionalmente, o mercado também estará de olho na leitura do Comitê sobre a atividade e a inflação, incluindo suas projeções (especialmente para 2025), importantes para calibrar a trajetória esperada para a taxa Selic, estimada até o momento em 9,0% aa para o fim do ano, segundo o último boletim Focus.

Na agenda de indicadores, destaque para os resultados de janeiro das *proxies* mensais do PIB, que devem mostrar um bom crescimento, liderado pelo consumo das famílias. O índice IBC-Br de atividade econômica, calculado pelo Banco Central, foi divulgado hoje (18) cedo e mostrou alta de 0,6% em janeiro, puxado pelo forte desempenho do varejo (+2,4%) e do setor de serviços (+0,7%) no mês. Já o Monitor do PIB, calculado pela FGV, será divulgado na terça (19) e também deve vir em alta. A Fundação também divulga, na sexta (22), o Índice de Confiança do Consumidor de março, que pode voltar a mostrar alguma melhora, diante do arrefecimento das pressões inflacionárias sobre os alimentos.

No campo fiscal, a Receita divulga (sem data definida) o resultado da arrecadação de impostos de fevereiro, que deve seguir mostrando números fortes. A expectativa é que a arrecadação apresente crescimento real de 11,8% no comparativo interanual (ante fev/23), novamente beneficiada pelo ingresso de recursos da tributação dos fundos exclusivos, aumento dos tributos ligados ao mercado de trabalho e pela reoneração dos impostos sobre os combustíveis.

No cenário inflacionário, a FGV divulgou hoje (18) cedo o índice IGP-10 de março, que mostrou deflação de 0,17%, a segunda consecutiva. A queda foi puxada pelos preços no atacado (-0,40%), sobretudo os itens industriais, puxado pela redução do preço do minério de ferro. Em 12 meses, o índice acumula queda de 4,05% (ante -3,84%).

A reunião do Fed, cujo resultado também será divulgado na quarta (20), é o destaque do cenário internacional. A expectativa (praticamente) unânime é de manutenção dos juros no intervalo entre 5,25% e 5,50% aa. Contudo, o foco da decisão estará nas novas projeções do Comitê, em que a dúvida é se será mantida a indicação de 3 cortes de juros de 0,25 pp ao longo do ano, ou se, diante do atual cenário (consumo forte e desaceleração bastante gradual da inflação), o Fed sinalizará uma menor disposição para cortes de juros neste ano. Neste sentido, importante também observar as declarações de Jerome Powell. Até o momento, o mercado ainda aposta em um primeiro corte na reunião de junho, com outros dois cortes intercalados até o fim do ano. Porém, dado o desempenho da economia norte-americana até o momento, não é improvável que haja nova decepção.

Outro destaque da semana são os números da economia chinesa divulgados ontem (17) à noite, que mostraram alguma melhora. As vendas no varejo subiram 5,5% no 1º bimestre, ante o mesmo período do ano anterior, enquanto a produção industrial cresceu 7,0%, ambos um pouco acima das expectativas e da meta de crescimento de 5% fixada para o ano. Já durante a semana, serão definidas as taxas de empréstimo (prime) com duração de 1 ano e 5 anos, que devem ser mantidas no atual patamar, de 3,45% aa e 3,95% aa, nesta ordem, dado os sinais de aparente reação da atividade.

Por fim, hoje cedo foi conhecida a leitura final da inflação de fevereiro da Zona do Euro, que desacelerou para 2,6% em 12 meses (ante +2,8%). Com isso, consolida-se o cenário que o BCE deve dar início ao processo de queda das taxas de juros a partir de junho na região. Por fim, ainda na semana, também serão conhecidas as prévias de março dos índices PMI dos EUA e da Zona do Euro; além de dados do setor imobiliário norte-americano na terça (19) e na quinta (21).

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
18/mar	FGV: IGP-10	Mar/24	-0,30% m/m -4,19% a/a	-0,65% m/m -3,84% a/a
18/mar	BCB: Índice de Atividade Econômica (IBC-Br)	Jan/24	0,6% m/m 3,7% a/a	0,8% m/m 1,4% a/a
19/mar	FGV: Monitor do PIB	Jan/24	-	0,6% m/m
20/mar	BCB: Reunião do Copom	-	10,75% aa	11,25% aa
22/mar	FGV: Sondagem do Consumidor	Mar/24	-	89,7 pts
Sem data	RFB: Arrecadação Federal de Impostos	Fev/24	11,8% a/a	6,7% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
17/mar	China	Vendas no varejo	Jan-Fev/24	5,6% a/a	7,4% a/a
17/mar	China	Produção Industrial	Jan-Fev/24	5,3% a/a	6,8% a/a
18/mar	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Fev/24 – final	2,6% a/a	2,8% a/a
19/mar	EUA	Construções de casas novas	Fev/24	7,4% m/m	-14,8% m/m
19/mar	EUA	Alvarás para novas construções	Fev/24	2,0% m/m	-0,3% m/m
19/mar	China	Taxas Prime de Empréstimo (1 ano e 5 anos)	Mar/24	3,45% aa / 3,95% aa	3,45% aa / 3,95% aa
20/mar	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Mar/24 – prévia	-15,0 pts	-15,5 pts
20/mar	EUA	FED – Reunião de Política Monetária do Fomc	-	5,25% aa; 5,50% aa	5,25% aa; 5,50% aa
21/mar	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Mar/24 – prévia	47,0 pts / 50,5 pts	46,5 pts / 50,2 pts
21/mar	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Mar/24 – prévia	51,8 pts / 52,0 pts	52,2 pts / 52,3 pts
21/mar	EUA	Vendas de casas existentes	Fev/24	-1,5% m/m	3,1% m/m

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Inflação mostra melhora em composição e atividade registra números fortes em janeiro

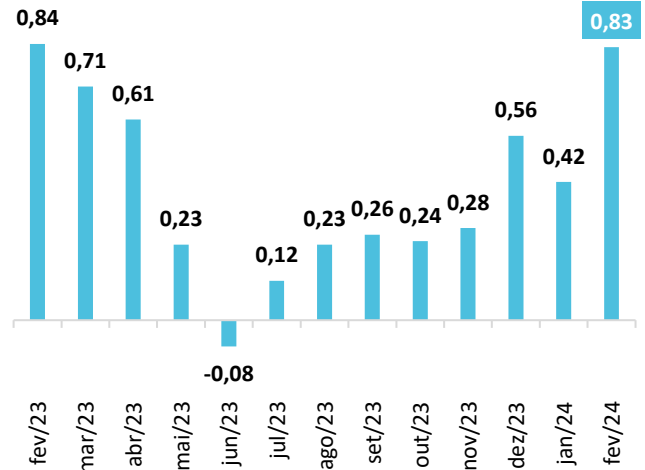
A inflação (IPCA) subiu 0,83% em fevereiro, um pouco acima do esperado (+0,79) e do dado de janeiro (+0,42%), pressionada por questões sazonais e reajustes pontuais. No entanto, a leitura mostrou uma melhora em sua composição, com a inflação de serviços voltando a arrefecer. Em 12 meses, o índice ficou praticamente estável em 4,50% (ante 4,51%).

No mês, a alta foi especialmente influenciada pelo setor de educação, devido aos reajustes anuais das mensalidades escolares que ocorrem no início do ano letivo. Com isso, o grupo subiu 4,98% em fevereiro, exercendo o maior impacto sobre o índice no mês (+0,29 pp). Outra alta importante veio dos combustíveis (+2,93%), que voltaram a subir após 4 meses de deflação, em função do reajuste do ICMS cobrado sobre o produto. Os preços dos alimentos no domicílio também seguiram avançando (+1,12%), ainda pressionados pelos itens *in natura* e cereais, embora em menor intensidade do que em janeiro (+1,81%), com o início da dissipação dos efeitos do *El Niño* e a recente melhora observada nos preços no atacado, que deve ficar mais evidente no dado de março.

Como alento, os preços das passagens aéreas recuaram pelo 2º mês consecutivo (-10,71%), mostrando descompressão após a forte alta no fim do ano passado. Além disso, os grupos vestuário (-0,44%) e de artigos pessoais (-0,07%) também registraram deflação no mês.

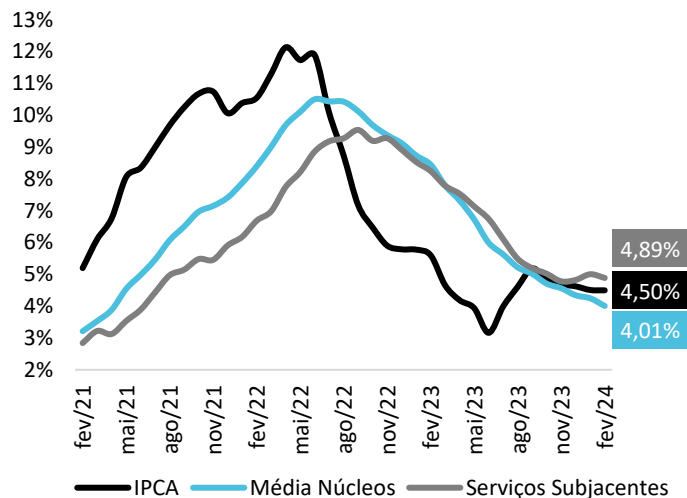
No geral, apesar de ficar um pouco acima do esperado, o resultado pode ser considerado positivo, dado que mostrou alguma melhora do ponto de vista qualitativo. O índice de difusão, por exemplo, recuou para 57,0% (ante 65,3% em janeiro), enquanto a média dos núcleos (no acumulado em 12 meses) passou de 4,25% para 4,01%, sustentando a perspectiva de continuidade do processo de desinflação da economia. Além disso, a inflação de serviços (subjacentes), mais aderente à atividade econômica, voltou a perder fôlego após acelerar nos últimos 2 meses, recuando de 5,00% para 4,89%, uma notícia importante para o BCB, que tem se mostrado preocupado com a dinâmica do grupo. Assim, o resultado sinaliza que a recente pressão sobre os serviços pode ter sido pontual (embora ainda demande cautela dado o comportamento da atividade), dando algum conforto para o Copom reduzir novamente a taxa Selic em 0,50 pp na reunião desta semana.

Quadro 1: IPCA - Var.% Mensal



Fonte: IBGE

Quadro 2: IPCA e Medidas Subjacentes – Var.% Acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE e BCB.

No âmbito da atividade, os indicadores setoriais divulgados pelo IBGE iniciaram 2024 com números bastante positivos, tanto no varejo quanto no setor de serviços. Com isso, as projeções de crescimento deste ano devem seguir com viés de alta, podendo superar 2,0%. Tal desempenho pode ser explicado pelo mercado de trabalho robusto, aumento do salário-mínimo, pagamento dos precatórios (em dezembro), além do processo de queda das taxas de juros.

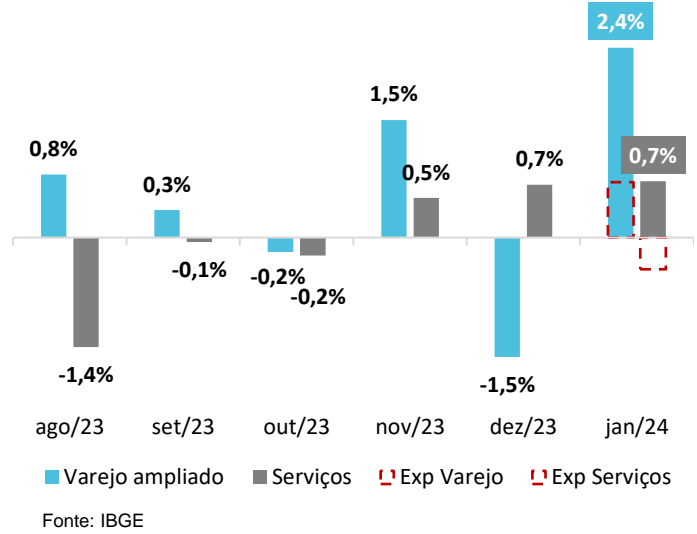
As vendas no varejo (ampliado) cresceram 2,4% em janeiro, bem acima da mediana das projeções (+0,7%). Na comparação com janeiro de 2023, a alta foi de 6,8%. O resultado mais do que devolveu a queda de 1,5% observada em dezembro. No mês, 6 das 10 atividades analisadas avançaram, lideradas pelos setores que registraram números mais fracos no Natal, após concentrarem suas vendas na *Black Friday* (novembro). É o caso dos segmentos de vestuário (+8,5%), materiais para escritório (+6,1%), outros artigos de uso pessoal (+5,2%) e móveis e eletrodomésticos (+3,6%). Movimento semelhante ocorreu com as vendas de veículos, que cresceram 2,8% no mês, também se recuperando do tombo de dezembro (-4,2%). Já as vendas nos supermercados subiram 0,9%, a sétima alta nos últimos 8 meses (acumulando crescimento de 5,5% no período), beneficiado pelo contínuo aumento da renda das famílias.

No geral, apesar de parte do bom resultado do varejo ser explicada pela fraca base de comparação, a sensação é que o aumento da renda disponível das famílias, somado à expansão do crédito, seguem impulsionando o consumo, que aparentemente ganhou tração neste início de ano. O resultado deixou um carregado de 1,9% para o varejo neste 1º trimestre.

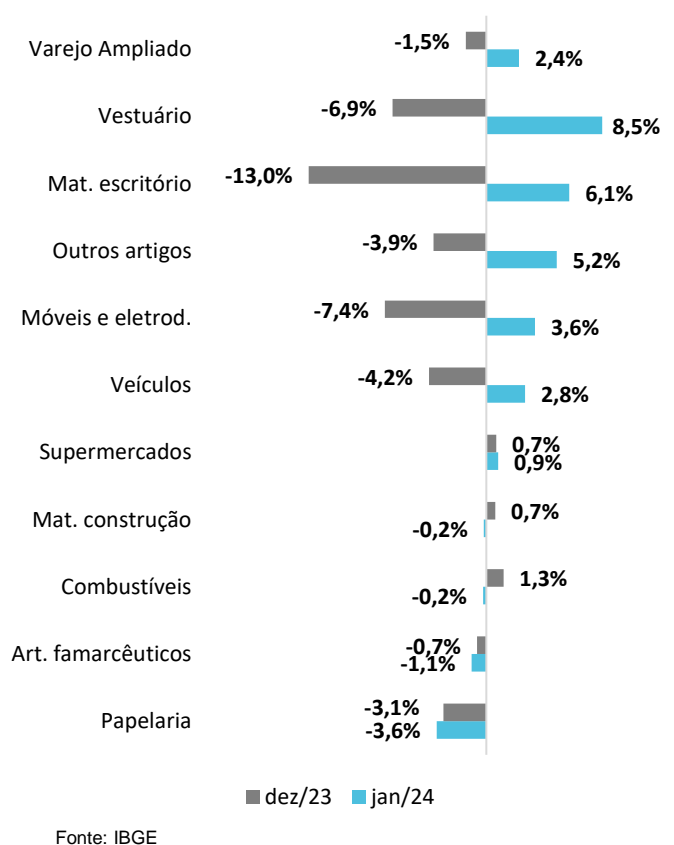
O setor de serviços também surpreendeu positivamente ao crescer 0,7% em janeiro, contrariando a expectativa de queda de 0,4%. Na comparação com o mesmo mês do ano passado, a alta foi de 4,5%. O resultado ainda contou com uma revisão positiva do dado de dezembro, de 0,3% para 0,7%, o que aumenta a base de comparação e indica que o desempenho do setor foi ainda melhor. O bom desempenho deixou uma herança estatística positiva para o setor de serviços de 1,3% para o 1º trimestre.

No mês, houve alta em 4 das 5 atividades do setor. Destaque para o avanço de 1,5% dos serviços de informação e comunicação, o quarto seguido, acumulando ganho de 3,8% no período. Também avançaram os serviços profissionais (+1,1%), de transportes (+0,7%) e outros (+0,2%). Apenas os serviços prestados às famílias recuaram (-2,7%) no mês, devolvendo parte da expressiva alta acumulada nos dois meses anteriores (+7,4%), quando o segmento é impulsionado pelo período de férias.

Quadro 3: Varejo Ampliado e Serviços – Var.% mensal



Quadro 4: Varejo Ampliado por categoria – Var.% mensal



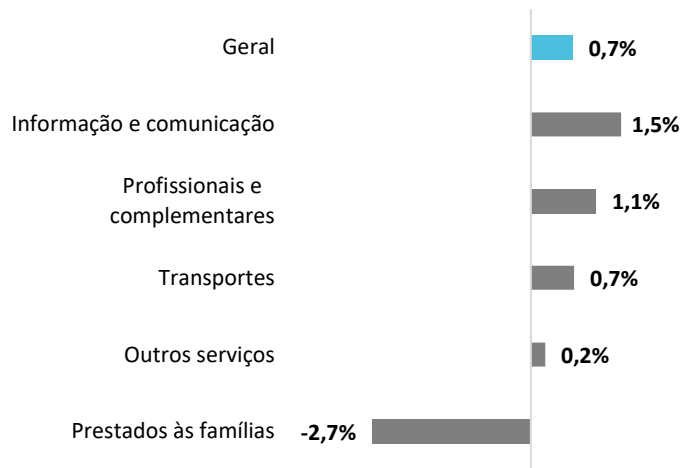
Na mesma direção, os números do mercado de trabalho formal de janeiro também mostraram números positivos, reforçando o quadro benigno para a atividade neste início de ano.

O Caged registrou geração líquida de 180,4 mil vagas formais em janeiro, o dobro das expectativas e do registrado em jan/23, ambos de 90,0 mil. A criação de vagas ocorreu em 4 dos 5 grandes setores analisados: serviços (+80,6 mi), indústria (+67,0 mil), construção (+49,1 mil) e agropecuária (+21,9 mil). O único setor que ficou no campo negativo foi o comércio (-38,2 mil), onde é comum (sazonal) a redução líquida do número de funcionários no início do ano, em decorrência da demissão dos temporários contratados para os eventos de fim de ano. Na comparação com janeiro de 2023, o acréscimo de 90 mil vagas no período é explicado principalmente pelo setor de serviços (+37,9 mi) e pela indústria (+32,2 mil), que responderam por quase 80% do aumento das vagas criadas no mês.

Com o bom resultado em janeiro, a geração de vagas acumulada em 12 meses voltou a acelerar, passando de 1,47 milhão para 1,56 milhão de empregos criados, sinalizando ganho de tração do mercado de trabalho formal.

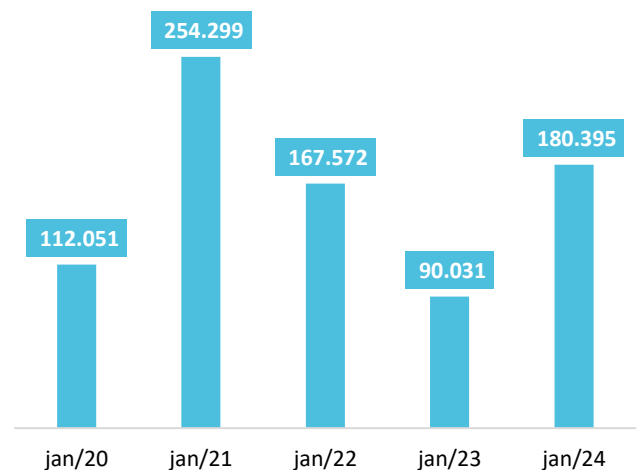
Portanto, os números mostram que o mercado de trabalho segue aquecido, se mantendo como um importante vetor para sustentar o avanço do consumo das famílias. Por outro lado, o quadro desperta alguma preocupação quanto aos possíveis efeitos inflacionários, fato que pode levar o BCB a ser mais conservador no processo de queda da taxa Selic em suas próximas reuniões.

Quadro 5: Setor de Serviços – Aberturas
Var.% mensal



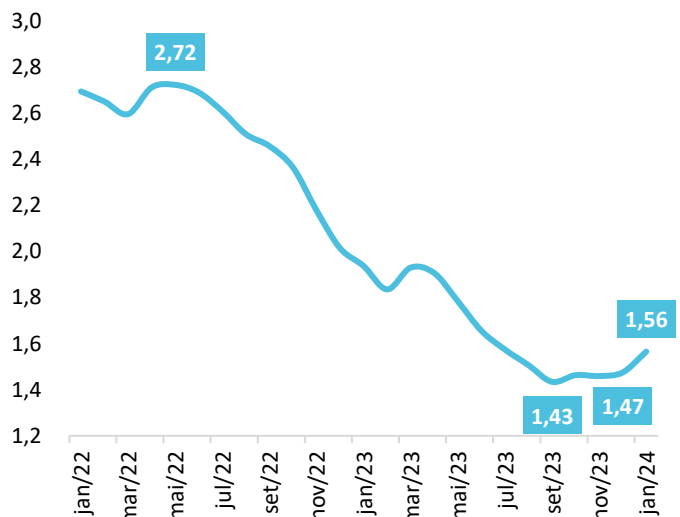
Fonte: IBGE

Quadro 6: Geração de Vagas Formais
Meses de Janeiro



Fonte: Caged

Quadro 7: Geração de Vagas Formais
Acumulado em 12 meses – em milhões



Fonte: Caged

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Inflação segue pressionada nos EUA e reforça cautela com postura do Fed

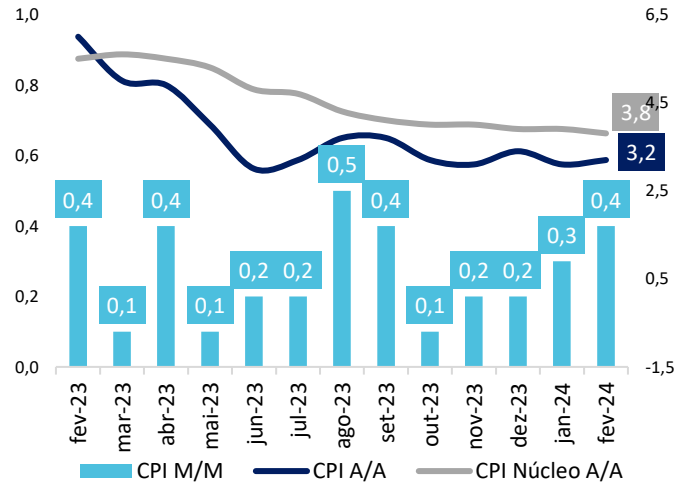
O ambiente internacional foi marcado pelo aumento da aversão ao risco diante da percepção que a inflação segue resiliente nos EUA. Os dados divulgados ao longo da semana mostraram aceleração nos preços ao produtor (PPI) e resistência em alto nível dos preços ao consumidor (CPI). Com isso, a discussão no mercado já começa a ser se o Fed iniciará o ciclo de cortes dos juros ainda no 1º semestre (reunião de junho) ou se ficará apenas para o 2º semestre. Por outro lado, a moderação dos dados do varejo também não foi suficiente para sugerir um enfraquecimento substancial da atividade que justifique uma alteração relevante no cenário inflacionário e, consequentemente, para a condução da política monetária.

O CPI subiu 0,4% no mês de fevereiro, em linha com o esperado e acelerando ante jan/24 (+0,3%). A leitura foi puxada tanto por itens do grupo energia, como a gasolina (+3,8%) e o óleo combustível (+1,1%), como pelos serviços, como transporte (+1,4%) e aluguéis (+0,4%). No caso dos aluguéis, a alta foi mais contida que em janeiro (+0,6%), o que afastou maiores preocupações com a inflação no setor imobiliário. De todo modo, em 12 meses, o CPI voltou a acelerar, atingindo 3,2% (ante +3,1%), sem dar sinais de convergência para a meta de 2%. Já o núcleo, sem alimentos e energia, veio um pouco mais forte do que o esperado ao subir 0,4% contra consenso de 0,3%, levando a métrica anual para 3,8% (ante 3,9%). No caso do PPI, o índice subiu 0,6% em fevereiro, bem acima do esperado (+0,3%) e a maior alta desde ago/23. O indicador foi puxado pelos preços de energia, bens e alimentos. Com isso, em 12 meses, o indicador acelerou para 1,6% (ante +1,0% em jan/24).

Já com relação à atividade, as vendas no varejo subiram 0,6% em fevereiro. A leitura veio abaixo do consenso (+0,8%) e combinada com uma revisão para baixo no dado de janeiro (de -0,8% para -1,1%). Apesar da surpresa negativa, ainda é cedo para afirmar que se trata de uma desaceleração da atividade, especialmente do consumo das famílias, que tem sido um dos principais motores da economia norte-americana. Já a produção industrial, subiu 0,1%, ante expectativa de estabilidade, impulsionada pelo desempenho do setor de mineração (+2,2%) e manufatura (+0,8%).

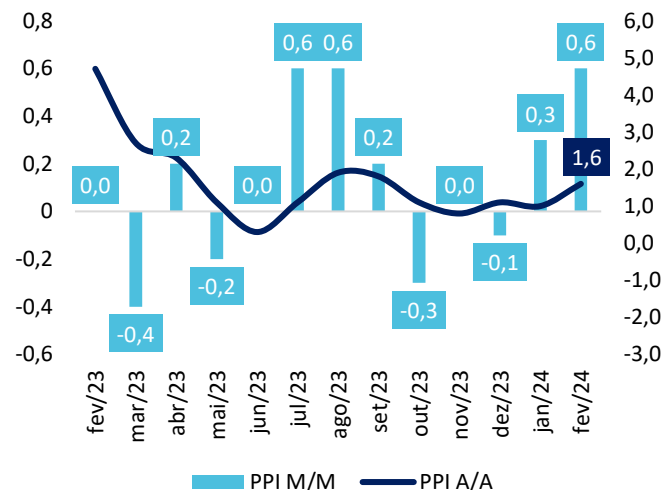
Por fim, na Zona do Euro, a produção industrial caiu 3,2% em janeiro, abaixo do esperado e o pior resultado desde mar/23 (-3,9%). O dado apenas confirma a fraca performance da atividade na região, abrindo espaço para que o BCE comece a discutir o início do ciclo de queda dos juros no bloco.

Quadro 8: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI)
Var. % m/m e a/a



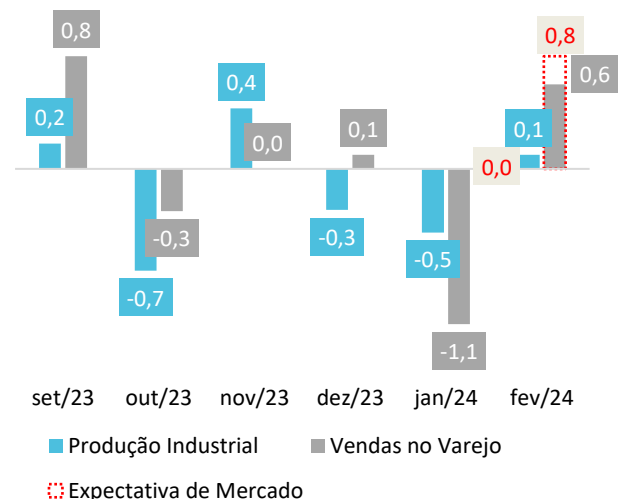
Fonte: Bloomberg.

Quadro 9: EUA – Inflação ao Produtor (PPI)
Var. % m/m e a/a



Fonte: Bloomberg.

Quadro 10: EUA – Produção Industrial e Vendas no Varejo – Var. % m/m



Fonte: Bloomberg.

Boletim do Mercado de Capitais Anbima – Fev/24

CRÉDITO / BANCOS

O volume de captações no mercado de capitais doméstico totalizou R\$ 43,2 bilhões em fevereiro, segundo a Anbima. O resultado pode ser considerado positivo, com expressivas altas tanto no comparativo mensal (+108,1%) como anual (+170,8%), sendo este último caso beneficiado pela fraca base de comparação (casos Americanas/Light). De toda forma, este ainda não é o melhor resultado para um mês de fevereiro, dado que em 2020 foram contabilizados R\$ 61,8 bi (ajustado pela inflação do período) em captações.

Na análise por instrumentos, a melhora foi disseminada na comparação com fev/23. Destaque para as debêntures, cujo valor emitido mais do que triplicou, saindo de R\$ 7,0 bi para R\$ 22,4 bi, voltando a representar mais da metade (51,8%) do total das captações do mês. Os demais instrumentos de renda fixa (CRAs, CRIs e FIDCs) subiram 83,4% no período, com destaque para as CRIs (+288,3%). Aqui, aparentemente o efeito do endurecimento das regras de emissão das CRAs/CRIs deve ficar mais claro a partir de março.

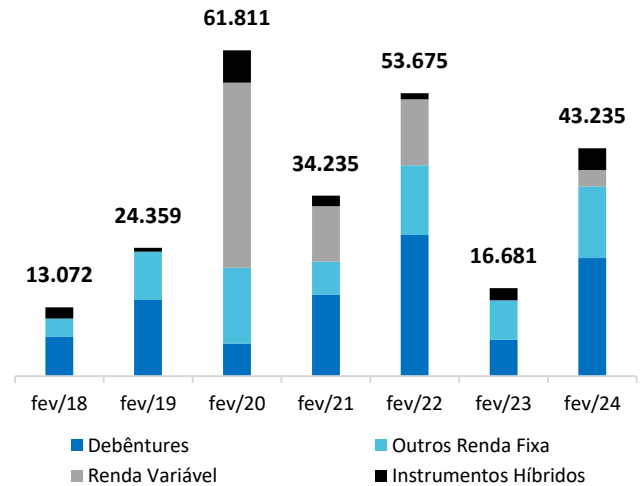
Ainda em relação ao mercado de debêntures, outro dado que reforça a percepção que as incertezas no segmento estão se dissipando é a mudança do perfil dos “compradores” de tais papeis (Quadro 13). Observa-se que, após cair drasticamente a participação dos fundos de investimento na aquisição destes títulos em 2023, estes voltaram a ser os principais compradores destes papeis, com participação de mais de 60% do volume emitido até o momento neste ano.

Outro ponto importante foi a retomada das captações via renda variável, que registraram R\$ 3,1 bi no mês, após ficarem zeradas em jan/24 e em fev/23. Tais operações ainda se concentram exclusivamente nos *follow-ons* (ofertas secundárias de ações), enquanto as ofertas primárias de ações (IPOs) seguem virtualmente paralisadas desde o início de 2022.

No acumulado do ano, o mercado de capitais mostra um volume de captação bem maior (+43,7%) do que o registrado no 1º bimestre de 2023, com avanço em todos os instrumentos. Contudo, o volume ainda está abaixo do captado no mesmo período de 2022 (-13,3%).

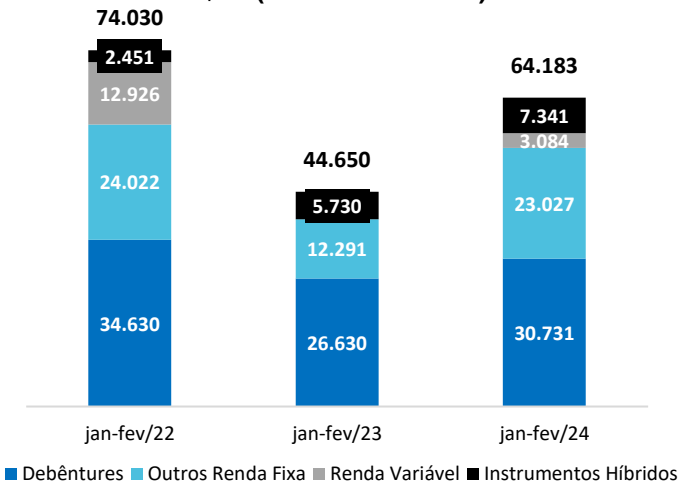
Para o restante do ano, a expectativa é que o mercado de capitais siga aquecido, retornando para nível próximo ao observado em 2022, beneficiado pelo ciclo de queda da taxa Selic. Assim, deve se manter como uma importante fonte de financiamento para as empresas, em complemento ao mercado de crédito bancário.

**Quadro 11: Captação no Mercado de Capitais
Meses de Fevereiro - Em R\$ mi (IPCA de fev/2024)**



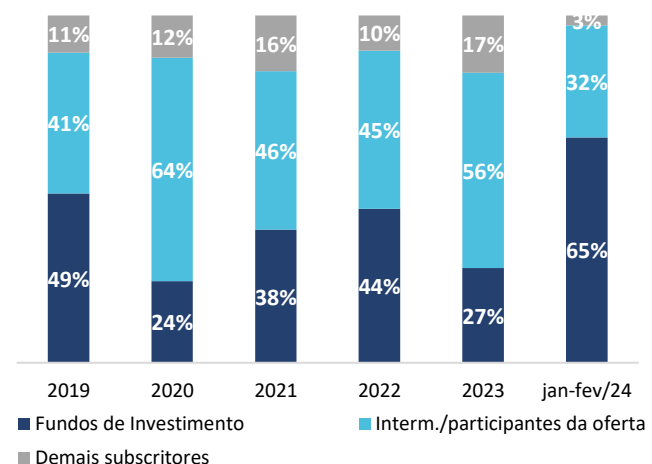
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

**Quadro 12: Volume de captação acumulado no ano
R\$ bi (IPCA de fev/2024)**



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

**Quadro 13: Captações via Debêntures por Detentor
% do Valor da Emissão**



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Relatório Mensal da Caderneta de Poupança – Fev/24

CRÉDITO / BANCOS

A caderneta de poupança registrou saques líquidos de R\$ 3,8 bilhões em fevereiro, conforme divulgado pelo Banco Central do Brasil (BCB). Além da saída de recursos na modalidade ter sido uma tônica nos últimos anos, o movimento é comum no mês de fevereiro (e no 1º bimestre), quando pesam as contas extras no orçamento das famílias.

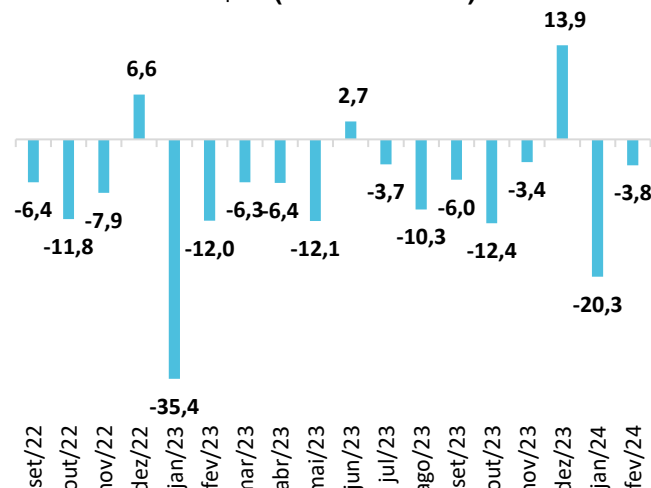
Apesar de negativo, o resultado deste ano foi o melhor para meses de fevereiro desde 2018 (R\$ -1,0 bi), com dados já ajustados pela inflação. Como comparação, a retirada líquida de recursos foi de R\$ 12,0 bi em fev/23. Na mesma direção, o resultado negativo acumulado de R\$ 24,1 bi do primeiro bimestre de 2024 é o melhor desde 2020 (R\$ -20,5 bi) e bem abaixo do valor registrado no mesmo período do ano passado (R\$ -47,4 bi).

As retiradas vêm pesando sobre o saldo total da caderneta de poupança, que voltou a cair (em termos reais), atingindo R\$ 969,6 bi ou 8,8% do PIB, já bem abaixo do pico observado em dez/20 (13,6% do PIB) ou mesmo do período pré-pandemia (11,2% do PIB em fev/20). Como já comentado em outras oportunidades, tal quadro decorre de questões conjunturais (alto nível da taxa Selic) e estruturais (maior acesso da população a novas plataformas/produtos de investimento).

Com isso, limita-se o espaço para a queda das taxas de juros do crédito imobiliário, mesmo em um ambiente de queda da taxa Selic. Isso ocorre por causa da mudança da composição do *funding* da modalidade, que conta com um peso crescente das LCIs (de maior custo para as IFs), enquanto a caderneta tem perdido relevância.

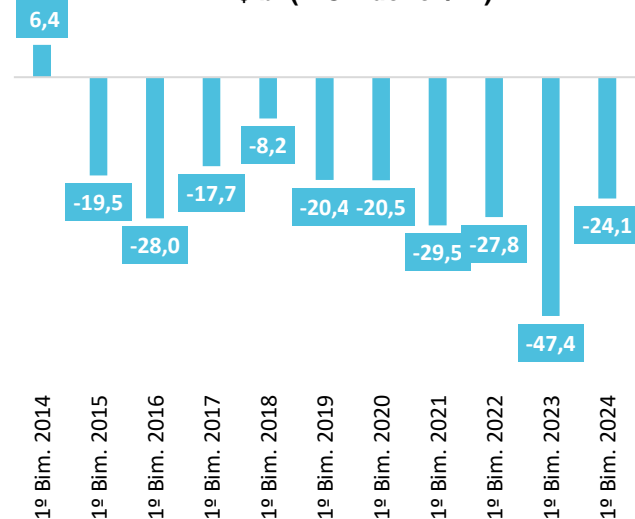
Apesar da expectativa de que haja algum arrefecimento do volume das retiradas de recursos ao longo do ano, a caderneta deve seguir perdendo espaço entre as opções de investimento para a população. Com isso, deve-se aumentar as discussões em torno das opções para as fontes de *funding* para o crédito habitacional.

Quadro 14: Captação Líquida da Caderneta de Poupança Em R\$ bi (IPCA de fev/24)



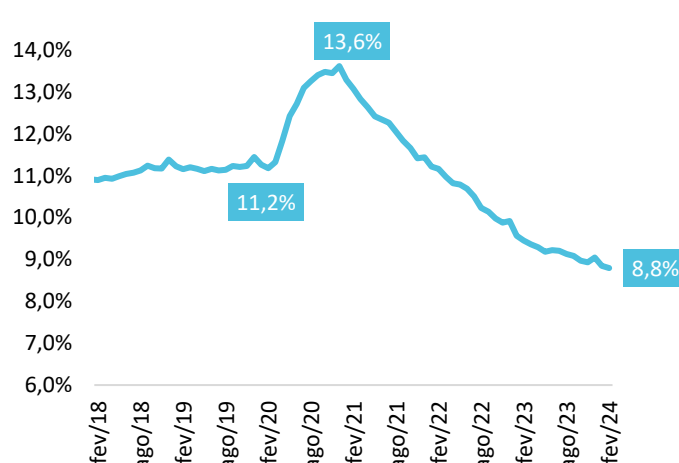
Fonte: Bacen.

Quadro 15: Captação Líquida no 1º Bimestre Em R\$ bi (IPCA de fev/24)



Fonte: Bacen.

Quadro 16: Saldo da Caderneta de Poupança Em % do PIB



Fonte: Bacen.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

Indicadores do Mercado	15/03/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,00	0,25%	0,50%	2,86%	-4,50%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	124,43	-4,21%	-1,22%	-6,07%	-48,63%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	10,75	-1,08%	-2,44%	-7,69%	-21,16%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	9,90	0,83%	0,08%	-1,43%	-22,69%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	10,66	1,67%	2,05%	5,81%	-17,13%
Índice Ibovespa (em pontos)	126.741,81	-0,26%	-1,77%	-5,55%	22,53%
IFNC (setor financeiro)	13.263,48	0,58%	0,34%	-3,91%	34,25%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	0,00%	15,79%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,73	5,68%	2,36%	11,24%	13,72%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,31	5,68%	1,32%	11,01%	20,39%
Dollar Index	103,43	0,70%	-0,70%	2,07%	-0,94%
Índice S&P 500 (em pontos)	5.117,09	-0,13%	0,41%	7,28%	29,21%
Índice de ações de bancos – EUA	96,60	-3,62%	-2,06%	-11,80%	-1,09%
Índice Euro Stoxx 50	4.986,02	0,50%	2,22%	10,28%	21,11%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	132,04	3,63%	8,03%	11,57%	32,44%
Barrel de Petróleo - tipo Brent (US\$)	85,34	3,97%	2,06%	10,77%	14,24%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira